

Entre futebol e política: a estratégia de vinculação eleitoral dos candidatos com os grandes clubes¹

Thiago Moreira da Silva

Introdução

A presente exposição tem por objetivo explicitar alguns aspectos da atuação política de lideranças que, na cidade do Rio de Janeiro, durante o quadriênio situado entre 2008 e 2012, fizeram uso da reconversão de um passado ligado ao esporte em campanhas que apelam para o imaginário clubístico; ou melhor, dos artífices da chamada *bancada da bola* – termo que designa o comportamento suprapartidário de parlamentares que operam com os códigos que dotam as agremiações ligadas ao desporto de qualidades peculiares.

Serão examinadas as motivações características dos representantes, bem como suas estratégias de campanha, os canais de comunicação utilizados e a forma de abordar potenciais eleitores. Para tanto, o artigo está dividido em três seções: a começar pelos *slogans*, procura-se mostrar o empenho de postulantes à Câmara Municipal do Rio de Janeiro na construção de uma noção de pertencimento mútua com o eleitorado. Em seguida, ressalto o papel dos cabos eleitorais, que fundamentam uma espécie de mediação com o eleitorado-alvo. Por fim, como um traço constitutivo dessa combinação, o *curriculum vitae* expõe uma noção de *continuum* entre a trajetória de vida dos candidatos e um possível exercício parlamentar.

Slogans e panfletos: investindo na identificação

As campanhas eleitorais se situam como momentos propícios para o entendimento e análise desse tipo de representação. Afinal, no decurso dos eventos que se sucedem aparece realçada a disposição de lugares sociais, o sistema de crenças corrente, as diversas visões de mundo, os embates e as oposições subjacentes ao jogo de poder. Neste período em particular, descortinam-se o caráter conflitivo da sociedade e uma pluralidade de imagens e discursos, cujo valor intrínseco reside na diferenciação da composição dos estratos sociais.

¹ O presente artigo toma por base a dissertação de mestrado: *A Bancada da Bola no Legislativo Carioca: Concepções, Evidências e Estratégias de uma Representação Singular*. Disponível em <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/10689/disserta%C3%A7%C3%A3o%20corrigida.pdf?sequence=1>, acesso às 11:24, em 28/04/2014.

Assim sendo, o domínio da representação transparece a natureza da política e sua força enquanto espaço legitimado de ação dos indivíduos, manifestando significados presentes no cotidiano que antecedem e, sobretudo, transcendem os resultados indicados pela votação dos pleitos. Pautado por divergências de ordem simbólica - em razão das disputas voltadas para a construção de identidades e, conseqüentemente, de reconhecimento dos investimentos propostos -, o prenúncio da atividade legislativa anuncia um mercado mais ou menos extenso de opções, seja de manutenção ou renovação, do espectro político (BARREIRA, 1998: 19).

Os ritos de campanha, abalizados, portanto, por um estatuto cronológico bem definido e pela padronização da conduta daqueles que almejam os postos em disputa, incidem de maneiras distintas sobre a percepção dos atores que a eles estão sujeitos. Isto é, eleitores e candidatos são submetidos a estímulos antitéticos que, normalmente, tendem a aproximá-los.

Esta época de irrupção da política no panorama público é o que Moacir Palmeira e Beatriz Heredia (2006) chamam de *tempo da política*. Percebida pela população como algo externo e alheio ao dia a dia, a fase que precede as eleições aparece no imaginário social vinculado a alterações no sentido das relações de sociabilidade, posto que, diante da ocasião, os políticos se fazem presentes e, ao fazê-lo, interferem no catálogo das práticas costumeiras, agrupando os indivíduos segundo critérios diversos daqueles existentes e sentidos habitualmente. A delimitação de um período restrito justifica-se pelo suposto de divisão inerente à disputa, quando se torna necessária a interrupção do cotidiano e a demarcação de clivagens com o objetivo de organização da sociedade.

Por outro lado, a ideia de “externalidade” da política, de uma posição assimétrica constantemente avaliada, reforça, segundo os autores, o risco provocado pela carreira. Na etapa da campanha eleitoral, tendo em vista a aproximação dos pleitos, os políticos assistem a uma progressiva perda da identidade e do prestígio que seu cargo lhes confere. Isso se dá porque os *acessos*, ou seja, a possibilidade de alcançar bens de certo modo intangíveis para a maior parte da população, prerrogativas da função e requisito básico de distinção dos legisladores, dependem justamente de sua votação e da (re)incorporação de seus poderes (KUSCHNIR, 2007).

Ademais, a dependência do eleitorado força os candidatos a ocuparem um lugar de representante de um determinado grupo, compartilhando os valores e premissas características da coletividade imaginada. No caso das eleições, os chamados *santinhos* oferecem um exemplo importante dessa construção²:

FERNANDO XAVIER

- Candidato a vereador pelo Partido Republicano Brasileiro (PRB).

“Por um Fluminense forte na Câmara!”.

*Torcedor do Fluminense.

PATRÍCIA AMORIM

- Candidata a vereadora pelo PMDB.

“Construindo o futuro através do esporte”.

*Ex-atleta de natação do Flamengo na década de 1980 e ex-presidente do clube.

GONÇALVES

- Candidato a vereador pelo Democratas (DEM).

“Em defesa do esporte”.

*Ex-jogador do Botafogo. Campeão brasileiro de futebol com o clube em 1995.

ROBERTO MONTEIRO

- Candidato a vereador pelo PCdoB.

“Um vascaíno em defesa do Rio”.

*Ex-presidente da torcida organizada Força Jovem do Vasco (FJV), atual candidato à presidência do clube.

Conquanto os atores tenham biografias diferentes e se identifiquem, de modo mais ou menos profundo, com instituições variadas, a edificação de suas representações, isto é, a forma com que procuram afirmação na esfera eleitoral, miram dois alvos convergentes: o esporte como tema preferencial de debate e a exaltação de um pertencimento clubístico. Segundo Damo (2007), o último elemento fundamenta a sociabilidade concernente ao universo futebolístico, referido pelo autor como um

² Todos os *santinhos* referidos estão dispostos no anexo do trabalho.

“sentimento que amalgama os torcedores a seus clubes, caracterizando tal modalidade de vínculo como única e imutável” (DAMO, 2007:51).

Nesse ponto, o investimento no pertencimento a determinado clube de futebol acresce às lideranças um novo valor, somado à força e legitimidade das organizações partidárias e dos atributos pessoais. Não à toa, nota-se na exposição proposta pelos concorrentes um direcionamento discriminado, tais como saudações aos “vascaínos”, e aos torcedores que buscam maior representatividade do “Fluminense na Câmara”. Destarte, essas interpelações chamam a atenção para possibilidades de identificação pautadas pela lógica do entusiasmo e filiação a algo alheio à esfera política, relegando a segundo plano suas instituições oficiais – no caso, as agremiações partidárias.

Por outro lado, a disposição dos panos de fundo, traçada nos folhetos, realça os símbolos e a iconografia ligada ao imaginário dos aficionados. Geralmente, as figuras escolhidas para estampar os materiais de campanha apresentam os candidatos atrelados a ídolos de futebol, às cores dos times ou fazem referência a episódios esportivos percebidos como relevantes pelos torcedores.

A apresentação de Roberto Monteiro³, por exemplo, coloca o retrato do vereador ao lado de personalidades da associação de São Cristóvão. Nela podem ser encontradas as feições de Roberto Dinamite, Edmundo e Juninho Pernambucano, jogadores reverenciados na história cruzmaltina. Patrícia Amorim prefere uma publicidade mais discreta, com a ordenação das cores rubro-negras destacando os caracteres de seu nome e reforçando o anúncio de seu endereço eletrônico⁴.

Nos casos de Gonçalves⁵ e Marcos Braz⁶, os dígitos “95” e as seis estrelas alinhadas sobressaem na propaganda. Ambos, no entanto, aludem às recentes conquistas de Botafogo e Flamengo: enquanto o primeiro acena com uma lembrança ao bicampeonato brasileiro de futebol de 1995, o segundo festeja o hexacampeonato de 2009. Todas essas manifestações, portanto, apontam para uma postura interessada dos representantes em vincular, de forma imagética, suas efígies ao ambiente futebolístico.

³ Ver figura 1

⁴ Ver figura 2

⁵ Ver figura 3

⁶ Ver figura 4

Ademais, esses símbolos expressos nos folhetos distribuídos, ao formar um conjunto de insígnias identificáveis entre os torcedores e compartilhar um código específico, constituem aquilo que Carneiro da Cunha (1986:100) denomina de marcas diacríticas. Os emblemas distintivos, então, garantem a diferenciação de cada clube no conjunto do universo das instituições esportivas.

“Tijolo Neles”: ex-jogadores e torcedores como cabos eleitorais

Outra característica, conectada à ideia de idolatria e que pode ser definida como típica dessas intenções eleitorais, retoma a aproximação dos postulantes a vereador com esportistas e políticos já estabelecidos, cuja reputação emana do ambiente futebolístico. Principalmente para os neófitos, os “patronos” têm a função de pôr em relevo a candidatura e emprestar seu prestígio aos aliados.

Mais lembrado em sua biografia por sua carreira nos gramados do que como Ministro dos Esportes do governo Collor⁷, Zico deu apoio à empreitada de Andrade. Juntos, os meio-campistas do Flamengo da década de 1980 posaram abraçados durante o Horário de Propaganda Eleitoral Gratuito (HPGE), enquanto Zico fazia as seguintes loas: “tenho certeza que, também na política, o Andrade vai ser um verdadeiro campeão”. Em sua conta pessoal na rede social *Facebook*, o “Galinho de Quintino” ainda postou uma foto e a legenda: “meu amigo Andrade sempre vai ter meu apoio. Agora ele trabalha na eleição para vereador e tiramos a foto abaixo no “Engenhão”. Quem quiser acompanhar a campanha dele siga o site...”⁸.

O mesmo expediente foi usado por Marcos Braz, amparado pelo deputado federal Romário (PSB). À época, o tetracampeão galgava bastante sucesso em seu primeiro mandato, sendo elogiado por diversos veículos midiáticos devido ao seu engajamento nos assuntos concernentes à Copa do Mundo no Brasil. O tetracampeão, membro do mesmo partido de Braz, aparecia em diversos cavaletes espalhados pela cidade, estampando a sentença: “o vereador do Romário”.

⁷ Arthur Antunes Coimbra, o Zico, o maior ídolo do Flamengo, foi alçado ao cargo de Ministro dos Esportes no governo do Presidente Fernando Collor de Mello. Sua passagem pelo posto foi breve, de 1990 a 1992.

⁸A referência está presente no seguinte endereço eletrônico: <<http://extra.globo.com/esporte/flamengo/zico-encontra-andrade-antes-do-classico-flamengo-vasco-fazcampanha-para-amigo-5834827.html#ixzz2GMunSQnE>>, acesso às 15:31 do dia 28 de dezembro de 2012.

Contratado junto ao clube russo CSKA Moscou por cerca de R\$ 22,8 milhões durante o mandato presidencial de Patrícia Amorim no Flamengo, o jogador Vagner Love também participaria das eleições municipais. O atleta do time flamenguista apareceu próximo da legisladora no HPGE fazendo um gesto de coração, tradicionalmente utilizado nas comemorações de seus tentos.

Além do auxílio de Romário, o ex-diretor de futebol Marcos Braz contou com os préstimos de Marcelo “Tijolo”, integrante da torcida organizada Raça Rubro-Negra (RRN). “Tijolo”, que chegou a ser presidente do grupamento, à época trabalhava como vice-presidente da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro. Tentou seguir o mesmo caminho trilhado pelo dirigente flamenguista e concorreu a vereador do município do Rio de Janeiro, em 2008, pelo Partido Trabalhista do Brasil (PTdoB), mas não obteve resultados expressivos. De mais a mais, ganhou notoriedade graças a seus slogans de campanha sempre combativos – “Vacilou, ‘Tijolo’ neles!” – e ligados ao Flamengo – “Rubro-Negro vota em rubro-negro”.

Naquelas eleições, Marcelo comandou uma equipe de torcedores organizados que ajudou a divulgar o nome de Braz, distribuindo panfletos no Engenho e pelo restante da cidade. Este recurso, aliás, pode ser observado na maioria dos empreendimentos eleitorais de lideranças ligadas a clubes de futebol.

A aliança entre a RRN e o dirigente citado não esgota a lista de relacionamento e, sobretudo, proximidade deste modelo de associação. Gonçalves (DEM) contou com a ajuda da organizada *Botachopp*, a terceira maior do clube, e, apesar de desentendimentos recentes, Patrícia Amorim (PMDB) foi auxiliada por uma pequena parcela de membros afiliados à Torcida Jovem do Flamengo (TJF). De forma oficial, a TJF serviu de esteio às pretensões de Amorim nas últimas três eleições legislativas para a Câmara Municipal do Rio de Janeiro. O distanciamento das partes se deu em virtude da má avaliação pela organização do mandato da ex-nadadora enquanto presidente do Flamengo no triênio 2010-2012.

Diferente de Amorim, Roberto Monteiro expôs, em seu material de campanha, a sustentação eleitoral de presidentes de diversas organizadas do Vasco da Gama. O

cartaz intitulado “A arquibancada está com 65123”⁹ abria aspas para depoimentos de lideranças da Força Jovem do Vasco (FJV), Associação das Torcidas do Vasco (ASTOVAS) e *Rasta*, por exemplo:

“Roberto é Vasco de raiz. Sempre foi competente e, além disso, sabe liderar. Nós, da *FJV*, temos um carinho especial por Roberto Monteiro e pedimos a todos os vascaínos que apoiem e peçam voto para 65123 (Bruno FET, presidente da *FJV*)”.

“Apoiar Roberto Monteiro é apoiar o torcedor de arquibancada apaixonado pelo Vasco. Peço a todos os vascaínos que, para vereador, votem em 65123 (Claudinho, presidente da ASTOVAS)”.

“Conheço Roberto há muito tempo. Ele é de arquibancada como a gente e nunca mudou. Nós, da *Rasta*, estamos de corpo e alma pela reeleição de Roberto Monteiro (Beto, presidente da *Rasta*)”.

“A *Renovascão*, uma das mais tradicionais Torcidas Organizadas do Vasco, também está apoiando a caminhada de Roberto Monteiro, legítimo filho das arquibancadas de São Januário e que tem meu voto para Vereador”. (Vera Lúcia, Presidente da *Renovascão*).

“Roberto Monteiro é um vereador que orgulha os vascaínos, pois defende toda a cidade, mas não esquece nunca a cruz de malta. Acho que a coerência e a atitude firme sempre em defesa do Vasco são marcas de Roberto. Por isso, meu voto é 65123”. (Alan, Presidente da *Vasboêmios*).

No contexto referido pelos torcedores, a “arquibancada” enuncia algo além de um setor do estádio, mas a proximidade, espacial e identitária, de Roberto Monteiro e os grupamentos organizados. Por certo, a metáfora propõe uma relação de vizinhança entre aquele que se encontra numa posição hierarquicamente superior, o vereador, e os demais integrantes do universo do futebol. Situado nas cadeiras comuns de São Januário, arena do Vasco da Gama, Monteiro ganha um status diferenciado, de um cidadão ordinário, cujo costume se assemelha a “nós” e que, apesar de gozar de uma posição distinta, “é de arquibancada como a gente e nunca mudou”.

⁹ Ver figura 6.

Proximidade e distanciamento constituem dois elementos costumeiramente arrolados no discurso dos candidatos a cargos eletivos, e auferem seus significados no serviço de espaços públicos e na produção de imagens (BARREIRA, 1998). A presença do vereador vascaíno, portanto, visa a equacionar, mediante ato simbólico, um postulado ambíguo, pautado pela diferença imposta durante o ofício da vereança e a necessidade de buscar o reconhecimento de seus eleitores para renovar suas responsabilidades. Este feito, que pretende estabelecer laços de pertencimento, articula os nexos da representação, os quais não se baseiam em pactos individualizados, mas no fato da liderança exercer o poder atribuído consoante as reivindicações de interesses coletivos (BOBBIO, 1986).

Em suma, as transferências de signos, jargões e representações do campo futebolístico para o campo da política refletem uma estética de campanha fixada em conteúdos externos à competição eleitoral, sendo as candidaturas voltadas para o universo esportivo uma reimpressão das lógicas que sobressaem no âmbito do futebol e do pertencimento clubístico. Para tal, as tarefas que os aspirantes a vereador se dedicam na vida social interferem no modo como elaboram suas imagens e formulam suas biografias.

A importância do curriculum vitae

De fato, os dados biográficos servem como parâmetro para analisar a atuação de parlamentares e postulantes a cargos eletivos. Esses elementos ajudam a esclarecer *como e por que* as lideranças que emergem no jogo político tentam capitalizar para si próprias o papel de porta-vozes de ideias e interesses coletivos. Nesse sentido, o *curriculum vitae* aparece nos relatos dos candidatos como amálgama da “construção” e de sua apresentação diante dos eleitores (BOURDIEU, 1989).

No caso estudado, as carreiras trilhadas fora da política favorecem e autorizam a exposição dos personagens enquanto representantes de causas vinculadas à questão esportiva. Via de regra, os legisladores que procuram essa opção edificaram sua formação como atletas, dirigentes ou torcedores organizados.

Os discursos de Gonçalves e Patrícia Amorim, que se seguem, pronunciados respectivamente em situação de campanha e de exercício legislativo, enfocam essa

referência ao curso profissional como matriz que dota de sentido a performance das personalidades e enseja o investimento dessas em uma forma peculiar de engajamento:

Eu preciso contar com vocês para divulgar esse projeto de esportes, que é o que eu sei fazer, que é a minha “praia”. Eu acho que hoje em dia um candidato para se comprometer com a população ele deve se preparar para isso, não adianta entrar só com a imagem, só com a “carinha” de um ex-jogador de futebol. Como um médico se prepara para exercer a carreira dele com profissionalismo e competência, o político também tem que se preparar. E eu estou a dois anos fazendo duas pós-graduações em gestão esportiva, porque acho importante me preparar, aprender a elaborar projetos, a desenvolvê-los e aplicá-los. Pretendo me juntar a Bebeto (PDT), deputado estadual, e Romário (PSB), deputado federal, para trabalhar em prol do esporte. Pretendo também propor uma discussão sobre o modelo de esporte que é desenvolvido na cidade, já que nós vamos sediar uma Copa do Mundo e uma Olimpíada no futuro (...) – Gonçalves (DEM).

Do mesmo modo, Patrícia Amorim, em relato para a TV Câmara¹⁰ explicitou o nexos do desempenho de suas atividades legislativas e seu passado de esportista:

Eu sempre quis muito ser vereadora, é onde começa um histórico político. Assim como na minha vida de atleta - eu comecei sendo campeã estadual, campeã brasileira, campeã sul-americana -, senti que era importante começar do início. E o início seria propor a possibilidade de uma pessoa com uma boa imagem, com credibilidade, para somar aos quadros políticos que já existiam (...). Minha história de vida me fez ter essa paixão pela minha cidade, pelo clube que representava, pelo meu país e essa mesma paixão eu pretendo trazer para o campo político. E espero ter tantas vitórias como no campo esportivo (...). Meu trabalho sempre foi direcionado, principalmente, para as causas esportivas, para o fomento da atividade física, com o trabalho junto ao conselho regional de educação física, a melhor qualidade de vida da população. Isso significa um investimento de políticas públicas nesse setor (...). Todos os assuntos me interessam, eu tenho essa particularidade, de estudá-los todos, mas como ao longo dos últimos anos ficou muito evidente o interesse do Rio de Janeiro em sediar determinadas competições internacionais como o torneio Pan-Americano, a possibilidade de ter uma Olimpíada e uma Copa do Mundo, por uma questão de afinidade e até de entendimento com essas situações, sempre sou chamada para discutir, sempre sou apontada como uma referência nesses assuntos – Patrícia Amorim (PSDB, à época)¹¹.

As duas falas selecionadas denunciam muito daquilo que já foi exposto neste trabalho. No primeiro momento, Gonçalves acredita que o passado de jogador de futebol, por si só, poderia credenciá-lo junto aos eleitores para a eleição como vereador.

¹⁰ Ver site < http://www.camara.rj.gov.br/riotv_verprog.php?cvd=48>, acesso em 14 de janeiro de 2013, às 15:53 horas.

¹¹ Patrícia Amorim trocou de partido, e seguiu para o PMDB, às vésperas das eleições de 2012.

Entretanto, declara que somente sua figura não seria suficiente para o trabalho legislativo e que, por isso, tentou se preparar para o cargo, especializando-se em cursos de gestão esportiva. Dessa maneira, é importante reter o distanciamento, em seu discurso, das arenas eleitoral e parlamentar, cujas lógicas operam de formas diferentes.

No ponto de vista de Patrícia Amorim, sua história de sucesso na natação também lhe confere uma “boa imagem” e um sentimento mais “apaixonado” pela política institucional da cidade. Em ambos, a proximidade dos grandes eventos esportivos desperta a atenção dos ex-atletas para uma discussão em torno do modelo de estruturação da prática esportiva na cidade do Rio de Janeiro. Para além da “afinidade” e do “entendimento” da matéria, as lideranças reforçam a necessidade de um debate sobre a conjuntura que se fez mais evidente nos últimos anos.

Gonçalves, ainda, realça a união de outros legisladores, em nível federal e estadual, para a gestão do objeto. A dupla de ataque do tetracampeonato da Copa do Mundo de 1994, Bebeto e Romário, deputados vitoriosos e com um passado de futebolistas, deveriam capitanear este tipo questão. Nota-se, nesse momento, o fomento de uma aliança suprapartidária, dado que os três personagens, em função de suas filiações a legendas distintas, ocupam posições diversas no espectro político. Como se pode observar, o universo futebolístico, por conseguinte, não estimula tão somente o consórcio entre representantes e representados, mas, sobretudo, entre os governantes.

Considerações finais

O campo da política institucional se reveste de costumes e convenções da vida social e se ajusta às circunstâncias e às peculiaridades das conjunturas observadas, fundamentando matérias do cotidiano dos indivíduos. O conteúdo dos programas desenvolvidos, os canais de comunicação utilizados e o investimento na construção de símbolos e na aproximação com o eleitorado revelam os contornos de códigos morais, relações pessoais e valores que perpassam universos distintos.

Com efeito, o investimento de candidatos nessa aproximação foi o assunto deste trabalho. De acordo com as evidências supracitadas, o modelo de representação apresentado escapa das percepções mais tradicionalistas do jogo político, que atribuem a organização da atividade parlamentar a grupos organizados com base em ideologias, afinidades profissionais ou de classe. Nos moldes expostos, portanto, a trajetória de vida

ligada de certa maneira ao esporte, em especial ao futebol, articulada com o imaginário clubístico, é capaz de legitimar pretensões de aspirantes a cargos parlamentares.

Anexos:



Figura 1: vereador Roberto Monteiro



Figura 2: vereadora Patrícia Amorim



Figura 3: candidato Gonçães



Figura 4: Candidato Marcos Braz (PSB).



Figura 6: painéis de apoio de torcidas organizadas a Roberto Monteiro (P.CadêB)

Referências bibliográficas:

- BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Chuva de papéis: ritos e símbolos de campanhas eleitorais no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará: Núcleo de Antropologia da Política, 1998.
- BOBBIO, Norberto. O futuro da democracia; uma defesa das regras do jogo. Paz e Terra: Rio de Janeiro (1986).
- BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- CARNEIRO DA CUNHA, M. Etnicidade: da cultura residual mas irreduzível. Antropologia do Brasil. São Paulo, Brasiliense/Edusp, 1986.
- DAMO, Arlei Sander. Do dom à Profissão: a formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo: Aderaldo & Rithschild Ed., Anpocs, 2007.
- HEREDIA, Beatriz. Lutas entre iguais: as disputas no interior de uma facção política. In: Palmeira, M. e Barreira C.: Política no Brasil – Relume Dumará. 2006.
- KUSCHNIR, Karina. Antropologia da Política. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2007.
- POWELL, Bingham. The chain of responsiveness. Journal of Democracy, volume 15, n. 4, 2004.